



E agora que o futuro já chegou?!

Por: Maria Helena Braga
Articulista do IQE
Supervisão Pedagógica

Quem viveu na década de 1960 certamente se lembra de uma série de desenho animado intitulada “Os Jetsons”. Era uma série futurista, em que as pessoas transitavam em carros voadores, os eletrodomésticos faziam tudo sozinhos, as pessoas se falavam por intermédio de uma tela, “uma” robô assumia as funções domésticas, entre outros recursos da era espacial. O tempo retratado pela série é o ano de 2062, ou seja, uma previsão para um século à frente do ano em que foi lançada.

Tínhamos em mente que não veríamos esse tempo chegar; era muito distante. No entanto, há alguns anos testemunhamos o aparecimento de várias dessas invenções, o que nos faz pensar que o futuro chegou antes do previsto. Isso provoca mudanças radicais na nossa forma de estar no mundo e requer revoluções copernicanas em todos os âmbitos da vida: moral, afetiva, social, corporal e... educacional.

Na educação escolar estávamos habituados a ver como detentor das informações o professor que tinha (ou tem) à sua disposição o quadro-negro, disposto em um ponto central da sala de aula, em frente ao qual as turmas se organizam. António Nóvoa, educador português, lembra-nos de que a lousa é um quadro vazio, a ser preenchido pelo conhecimento de quem ministra as aulas, uma das poucas fontes do saber. Efetivamente, a disposição espacial da sala era, e ainda é na maioria dos casos, determinada pela localização do quadro, fator que demonstra claramente a verticalização do conhecimento - do professor para o aluno.

Entretanto, esse “futuro em que estamos vivendo” metamorfoseou a realidade tão bem consolidada durante os 150 anos da invenção da escola: as informações estão aí, para que todos as obtenham rapidamente, em segundos, qualquer que seja o assunto. O computador, o celular, o “tablet”, associados à internet, proveem as pessoas daquilo que desejam saber. Ainda segundo Nóvoa, ao contrário do quadro-negro, os “tablets”, amplamente divulgados e distribuídos pelos sistemas educacionais, vêm repletos de informações e podem ser utilizados em qualquer lugar dentro ou fora da sala ou da escola.

Ora, a diferença é substancial. Nossos alunos desenvolveram um modo de ser e de ver o mundo muito diferente do que nós, professores, temos construído. A possibilidade de acesso a essa tecnologia tira-nos do papel de únicos detentores do conhecimento; abre espaço para a atividade do aluno em direção ao que a ele interessa, ao que quer conhecer. A configuração da sala de aula tradicional não é mais plausível ao público que hoje ocupa os bancos escolares.

O desafio, então, é como conciliar as exigências de um novo tempo com os hábitos solidificados da educação escolar. Como tudo na educação, não tem uma solução simples. Tal desafio requer de nós um esforço imenso de sincronização, que implica em conhecer, experimentar, errar, avaliar, retomar caminhos que sejam mais condizentes com a mentalidade dos educandos que ora recebemos em nossas escolas.

O uso pessoal da tecnologia pelos professores tem aumentado, o que é um bom sinal. Mas não suficiente para garantir que ela seja aproveitada nas aulas, como instrumento facilitador da aprendizagem, já que favorece o contato rápido com os mais diversos conhecimentos.

E então? Todo passado será descartado? O professor será substituído pelas “máquinas de conhecimento”? Os livros serão desnecessários? Para responder a essas questões o primeiro passo é não opor uma coisa à outra, não colocar em dois extremos inconciliáveis o virtual e o real, mas estabelecer uma relação de complementaridade entre eles. Todos poderão tirar proveito disso! O próximo passo é conhecer essas tecnologias e as contribuições que possam oferecer aos processos de ensino e de aprendizagem. Fundamental, também, é conhecer como os alunos interagem com elas, o que acessam, como lidam com as informações disponíveis.

A partir daí, é aceitar o desafio de reestruturar as aulas para que as tecnologias tornem-se ferramentas que contribuam para a função da educação escolar: aproximar os alunos dos conhecimentos historicamente construídos, de forma crítica e intencional. E ter em mente que os professores têm a insubstituível função de mediar, de ser uma ponte entre as informações disponíveis e a construção do conhecimento por quem aprende, assim como já o fazem com outros recursos, como os livros didáticos ou paradidáticos, por exemplo.